



## ACORDES OBLÍQUOS DE CORDÉIS: AMAZÔNIA ORIENTAL EM VERSOS

Larissa da Silva Sousa  
Hiran de Moura Possas

**Agência financiadora:** CNPq

**Eixo Temático:** Letras, Linguística e Artes

### 1. INTRODUÇÃO

Sabendo-se que, de acordo com Manuel Diegues Júnior (1973), os cantares “populares” são provenientes da Península Ibérica, mas encontraram no Brasil um ambiente fértil para o seu desenvolvimento, principalmente, na região nordestina. Na opinião de Luiz Tavares Jr. (1980), essas produções literárias apresentam componentes históricos que são reatualizados, através dos temas eleitos pelos próprios poetas de cordel. Argumenta o pesquisador que não se deve contrapor - o que não significa não comparar - essas composições poéticas à chamada literatura “erudita”, mas considerá-la como uma variável dinâmica que se constrói, por meio das signagens. No caso da literatura subalterna, tanto escrita como oral, ou oral e escrita ao mesmo tempo, a palavra vai funcionar como elemento que seduz tanto o leitor como o ouvinte, aquecendo os gestos de experimentação. Neste caso, depreende-se que fatores como: o meio social, o tempo, a psicologia do povo e a criatividade poética motivaram o aparecimento das produções locais, adaptadas da forma original, mas também apresentando características próprias. Para isso, o criador deverá lançar mão de temas que estimulem a sensibilidade de quem irá ler ou ouvir a sua peça poética, bem como saber explorá-los, utilizando recursos também de natureza estilística. Também se faz necessário lembrar a teoria de Paul Zumthor (1997) acerca da “performance” – ação complexa pela qual uma mensagem poética é simultaneamente, aqui e agora, transmitida e percebida. Neste caso, na literatura oral (desafios e trovas) e/ou na literatura escrita (cordel), torna-se importante estudar a performance do texto em suas operações: 1- a produção do texto; 2- a transmissão oral e/ou escrita; 3- recepção – como o leitor ou o ouvinte receberam o texto; 4- repetição – a tradição oral ou escrita.

Diante do exposto, o estudo da poesia subalterna deverá ser feito à luz de pesquisas, como Vicente Sales, José Veríssimo, José Carvalho, Juvenal Tavares, Luís da Câmara Cascudo, Homi K. Bhabha, Luiz Tavares Jr., Manuel Diegues Júnior, Paul Zumthor, Gilbert Durand e outros. E, para a análise da receptividade dos cantares populares, por parte do público, servirão de base os textos de Hans Robert Jauss e de Wolfgang Iser.

### 2. MATERIAIS E MÉTODOS

O primeiro passo desenvolvido consistiu no levantamento bibliográfico da literatura existente acerca das manifestações poéticas populares, orais ou escritas de municípios vizinhos à cidade de Marabá. Após foi feito exercício etnográfico (entendido como processo teórico-metodológico) do maior número possível de folhetos de literatura de cordel e de trovas das regiões elencadas. - gravação das manifestações orais, como desafios e trovas. - levantamento e registro de um número considerável de neotrovadores – homens e mulheres. - entrevista de pessoas da comunidade de Marabá e região, a fim de sondar a recepção dos textos orais e escritos, por parte do público leitor e ouvinte. Em fase posterior, foi feita análise das gravações das produções orais – trovas e desafios, quando se observarão os temas mais expressivos presentes: humor, crítica, pessoal, política e social. - análise estilístico-literária dos textos escritos dos folhetos – temas, metro, rima, ritmo e cadência.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O cordel, ao chegar em Marabá, recebe a cada dia a insurgência criativa de seus artífices, especialmente em termos estéticos, decorrente da entrada de ferramentas gráficas e tecnológicas dialogantes com as mais recorrentes, como a xilogravura. A região tem se descoberto berço e acolhida de vários autores, destacam-se os municípios de Brejo Grande, Brejo do Meio e Palestina do Pará,

Fazer Arte e pesquisa nos espaços fronteiros ou simplesmente pelas bordas representa, para esse exercício parcial, experimentação subversiva e tentativa de ruptura epistêmica estratégica, a partir da inserção de humanidades e suas culturas recheadas de sentidos tencionadas com os processos recolonizadores do poder, do saber e do ser, como seria o caso, em grande medida, dos espaços acadêmicos estéreis de sensibilidade ao outro historicamente “espoliado”. Essas manifestações artísticas constituem cena cultural recorrente na literatura “nortista”, no entanto, alguns pesquisadores ainda não dispõem de sensibilidade suficiente, para reconhecer os meandros e o belo nessas estéticas subalternas-resistentes. Talvez seja nossa tarefa abrir passagens para outras alteridades, mesmo que para isso exista uma polissemia de ações. A partir dessa pesquisa, há o desejo de fazer parte do coro tentando desnaturalizar certos projetos imperialistas, partindo de um estado de Arte paradoxal, nem menos ou mais europeu, indígena, negro ou mestiço, mas desejando ser “devorador” das práticas literárias hegemônicas.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazer Arte e pesquisa nos espaços fronteiros ou simplesmente pelas bordas<sup>1</sup> representa, para esse exercício parcial, experimentação subversiva e tentativa de ruptura epistêmica estratégica, a partir da inserção de humanidades e suas culturas recheadas de sentidos tencionadas com os processos recolonizadores do poder, do saber e do ser, como seria o caso, em grande medida, dos espaços acadêmicos estéreis de sensibilidade ao outro historicamente “espoliado”. Essas manifestações artísticas constituem cena cultural recorrente na literatura “nortista”, no entanto, alguns pesquisadores e instituições acadêmicas ainda não dispõem de sensibilidade suficiente, para reconhecer os meandros e o belo nessas estéticas subalternas-resistentes (POSSAS; SANTOS; SOUSA, 2016). Talvez seja nossa tarefa abrir passagens para outras alteridades, mesmo que para isso exista uma polissemia de ações. A partir dessa pesquisa, há o desejo de fazer parte do coro tentando desnaturalizar certos projetos imperialistas, partindo de um estado de Arte paradoxal, nem menos ou mais europeu, indígena, negro ou mestiço, mas desejando ser “devorador”<sup>2</sup> das práticas literárias hegemônicas. Ralentamento na medida que, com um alargamento do olhar, múltiplos, infinitos e variados sentidos deveriam ser apreendidos habitando a linguagem, uma aparentem inarticulação das coisas, para os sentidos mais estéreis, “slow-motion” permitindo que outras camadas de talentos ou simplesmente outras camadas mundanas falem por essa pesquisa. Lucrécio já dissera que os homens e os objetos sempre gritam, uma realidade ainda pouco audível. Já sabemos como olhar que a relva cresce. Agora precisamos saber também escutá-la.

#### REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adão. Marabá: 08 de setembro de 2015. Entrevista concedida a Larissa da Silva Sousa e Adriana de Araújo dos Santos.

ARMA, Associação dos Artistas Visuais do Sul e Sudeste do Pará. **Livro de poesias homenageia Marabá**. Disponível em <http://artistasvisuaisarma.blogspot.com.br/2014/04/livro-de-poesias-homenageia-maraba.html>. Acesso em 16 de dezembro de 2015.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARMELITA, Bertin. Marabá: 09 de março de 2016. Entrevista concedida a Adriana de Araújo dos Santos.

\_\_\_\_\_, Bertin. **Adalberto Marcos**. Disponível em : <http://alfinetesebombons.blogspot.com.br/2013/02/biu-sorianoa.html>. Acesso em 02 de março de 2016.

COLOMBO, Fausto. **Os Arquivos Imperfeitos**. Tradução de Beatriz Borges. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1991.

DA SILVA, Lusinete Bezerra. Marabá: 02 de março de 2016. Entrevista concedida a Adriana Araújo dos Santos.

<sup>1</sup> Pensar pelas bordas, categoria analítica tramada por Jerusa Pires Ferreira (2010), exclui a ideia de centro ou de periferia. Seriam culturas transitando por uma faixa delimitada pelos chamados folclore e culturas institucionais.

<sup>2</sup> Tais processos de devorações culturais e não menos estéticas seriam um Aleph borgiano, procurando dobrar um repertório temporário e variável de culturas sempre em busca da outridade: “um punhado de signos que se desenham, se desfazem e voltam a se desenhar” (PAZ, 2009, p. 334).

- FREIRE, António de Abreu. **Raízes hispano-árabes da literatura de cordel**. Palestra proferida no IV Encontro de Cordelistas da Amazônia. Belém – PA, em 07 de junho de 2014.
- GLISSANT, Édouard. Introdução a uma poética da diversidade. Trad. Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- JÚNIOR, Manuel Diegues. Ciclos temáticos na literatura de cordel – tentativa de classificação e de interpretação dos temas usados pelos poetas populares. Rio de Janeiro. Casa de Rui Barbosa, 1973.
- JÚNIOR, Luiz Tavares. O mito na literatura de cordel. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Belém. Ed. Escrituras. 2001.
- MIGNOLO, Walter D. **Desobediência Epistêmica: A Opção Descolonial e o Significado de Identidade em Política**. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no34, p. 287-324, 2008.
- MONTARROYOS, Heraldo Elias. **História do Burgo de Itacaiunas e da Casa Marabá: A Origem de Uma Cidade Amazônica - parte 1**. Disponível em <http://historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=219>. Acesso em 10 de março de 2016.
- NODARI, Alexandre. **A Literatura como Antropologia Especulativa**. Revista da ANPOLL. Nº 38, 2015, p. 75-85.
- PAZ, Octavio. **Signos em Rotação**. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- PINTO, Vicente de Paula. Marabá: 01 de Novembro de 2015a. Entrevista concedida a Adriana de Araújo dos Santos.
- \_\_\_\_\_, Vicente de Paula Barbosa. **Correio da Vila**. Disponível em [www.jornalcorreiodavila.blogspot.com](http://www.jornalcorreiodavila.blogspot.com). Acesso em 10 de setembro de 2015b.
- PIRES FERREIRA, Jerusa. **Heterônimos e cultura das bordas**: Rubens Lucchetti. Revista USP, dez-jan. 1990: 169-174.
- \_\_\_\_\_, Jerusa Pires. **Cultura das bordas: edição, comunicação, leitura**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.
- PORTELLI, Eduardo IN. **Forma e significado na história oral. A pesquisa como um experimento de igualdade**. Projeto história Revista do programa de estudos pós-graduados em história e do departamento de história da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo, SP, 14, 1997.
- POSSAS, Hiran de Moura; SANTOS, Adriana de Araújo; SOUSA, Larissa da Silva. **“Recifrando” acordes: Marabá das bordas**. Disponível em: <http://revistaboitata.portaldepoeticasorais.com.br/revista/edicao/numero-21-semester-jan-jun-2016/27>. Acesso em 28 de agosto de 2017.
- PROSS, Harry. **Estructura simbólica del poder**. Tradução de Pedro Madrigal Devesa y Homero Alsina. Editorial Gustavo Sili S.A. Barcelona: 1980.
- \_\_\_\_\_, Harry. **A comunicação e os ritos de calendário**. Disponível em: <http://www.cisc.org.br/portal/pt/biblioteca/viewdownload/9-pross-harry/83-a-comunicacao-eos-ritos-do-calendario-entrevista-com-harry-pross.html>. Acesso em 31 de out. de 2011.
- RAMA, A. Transculturación narrativa en América Latina. México: Siglo XXI, 1982.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo**. Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

SOUZA, Airton (ORG). **Rios (Di)versos**. Belém. LiteraCidade. 2015

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed .Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

ZIZEK, Slavo. Sonhando perigosamente com Slavo Zizek. Disponível em <http://umbigodascoisas.com/2012/12/02/slavoj-zizek-entrevista/>. Acesso em 19 de set. de 2014.

ZOURABICHVILI, François. **O Vocabulário de Deleuze**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: CIENTI/UNICAMP, 2004.

ZUMTHOR, Paul. A letra e a voz: a “literatura” medieval. Trad. Amálio Pinheiro/Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.